

1.

Introdução

*Prezado amigo, escrevo para esclarecer
Que, mesmo antes de nascer,
Meu coração se fez humano por ser suburbano*
Carta de Pedra - Aldir Blanc

Raymond Williams, no livro *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, refletiu sobre a necessidade de problematizar a história das categorias e das palavras, pois essa seria a única forma de compreender como elas “foram e são historicamente construídas, vividas e destruídas” (2007, 39). No caso da palavra “subúrbio”, essa necessidade fica bem clara devido à disparidade de sentidos que ela apresenta não só no contexto carioca, como em relação à outras culturas. Afinal, o que é o “subúrbio carioca”? É possível delimitar sua extensão territorial ou ele não passa de uma fronteira afetiva?

Ao partir do subúrbio como lugar teórico é possível observar, antes de tudo, que trata-se de uma categoria muito rica, alimentada por diferentes imaginários. Uso imaginário aqui segundo a leitura de Armando Silva sobre o “imaginário radical” de Cornelius Castoriadis. Segundo ele, o imaginário afeta os modos de simbolizar o que conhecemos como realidade e seria a capacidade de fazer surgir como imagem aquilo que não é e nem foi.

Conceito que tanto urbanistas quanto geógrafos têm dificuldade de definir, o subúrbio carioca na maior parte das vezes é tratado a partir de uma noção do senso comum, mas que marca uma nova concepção de espaço e de sociabilidade na cidade moderna. Segundo Adriana Facina:

Embora a divisão entre a cidade real e a cidade legal nunca tenha se concretizado de modo absoluto na construção do espaço urbano carioca, pois a dinâmica da cidade se impôs, a despeito do desejo dos urbanistas, espaços de sociabilidade, de trânsito, de mediação que relativizam separações rígidas, é inegável que tais tentativas de segregação ficaram gravadas nas representações simbólicas da cidade. Nessas representações há, em geral, a atribuição de valores e significados distintos a três grandes áreas da cidade: Centro, Zona Sul e Zona Norte/subúrbios (Facina, 2004, 158).

O subúrbio, produto do crescimento das cidades e um dos elementos definidores da modernização das mesmas, ganhou crescente importância no estudo urbano europeu após a Revolução Industrial. No pós-Guerra, por sua vez, transformou-se na solução da crise habitacional de muitos países ocidentais. Na sua definição geográfica, refere-se às áreas que circundam as áreas centrais dos aglomerados urbanos, regiões com baixa densidade populacional, limite entre cidade e campo.

Proveniente do latim *suburbium* (*sub* – perto de, *urb* - cidade) e do francês *suburbe*, a palavra passou por diversas ressignificações e ressemantizações. Na França, surgiram termos como “*faubourg*”¹, “*banlieue*”², “*périphérie*”³ e “*quartiers sensibles*”. Nos países de língua inglesa, a região ganhou, ainda, o sinónimo “*sprawl*”, definido no Dicionário de Oxford (6ª edição, 2003) como “the disorganized and unattractive expansion of an urban or industrial area into the adjoining countryside” [a expansão desorganizada e sem atrativos de uma área urbana ou industrial no campo].

À medida em que a cidade cresceu e as populações urbanas multiplicaram-se, o subúrbio ganhou novas conotações, que nem sempre foram negativas. Na Londres devastada pela peste negra e, depois, extremamente poluída na Revolução Industrial, as famílias com maior poder aquisitivo escolhiam sair do centro da cidade (e quando falo centro, digo o centro histórico, onde a cidade nasceu, e onde está seu núcleo comercial e político o que hoje em dia já não é mais tão fácil pontuar). Também em Nova Iorque e no Rio de Janeiro as regiões mais distantes do centro urbano atraíam as populações mais abastadas. Brooklyn e Nova Jersey, por exemplo, surgiram dessa vontade de fugir do centro poluído e muito povoado. Botafogo e São Cristóvão, por sua vez, eram, no final do século XIX, escolhidos como residência de membros da família real. Esses subúrbios, no entanto, ainda

¹ Segundo o Dicionário Larousse, palavra proveniente do francês antigo *forsborc* (*fors-/hors-*, fora de, e *-borc/-bourg*, cidade). Tem influência da palavra *faux* (falso) e designava um bairro popular periférico. De acordo com o geógrafo francês Hervé Vieillard-Baron, no livro “*Banlieues et Périphéries*” o espaço era destinado às atividades poluentes ou degradantes que não eram bem vistas no centro urbano.

² O território urbanizado que cerca a cidade era usado, na Idade Média, para se referir ao entorno da região onde o senhor de terra ou o burguês exercia autoridade (“*le ban*”). Está inscrito no termo, segundo Hervé Vieillard-Baron, a noção de “proteção-subjugação” que se mantém até hoje.

³ Ao contrário da palavra em português, “*périphérie*” é descrita pelo Dicionário Larousse apenas como conjunto de bairros situados longe do centro da cidade.

mantinham com a cidade uma relação muito próxima do campo e não passavam de refúgios da vida mais movimentada do centro urbano.

Do final do século XIX até o fim da Segunda Guerra Mundial, os subúrbios tornaram-se a principal solução dos governos para atender à crise imobiliária causada pela crescente migração em direção às cidades e, posteriormente, com o fim das guerras, para solucionar a crise de habitação de uma população que começou a crescer a níveis cada vez maiores, na geração que ficou conhecida como *baby boomer*. Também representaram uma nova forma de o homem relacionar-se com a cidade, agora já não mais medida por distâncias a pé, mas pelos meios de transporte.

Longe da vida urbana, esses grupos foram impedidos de vivenciar e experimentar a cidade, o que, segundo Henri Lefebvre (e com ecos em David Harvey, e, no Brasil, em José da Souza Martins e Nelson da Nóbrega Fernandes), tornou o processo de suburbanização algo intrinsecamente político, usado pelas camadas dominantes como forma de segregar os trabalhadores e diminuir seu poder de sublevação.

Nos Estados Unidos, o espaço ganhou papel de destaque no imaginário nacional, expandindo-se a nível mundial graças a uma miríade de referências, seja no cinema, na televisão, na música ou na literatura. Tais produções culturais, elaboradas *desde o e sobre* o subúrbio, auxiliaram a construir a imagem de um ambiente que existe, simultaneamente, como o ícone máximo dos valores americanos e um indicador da padronização e da conformidade que caracterizam este espaço.

Minha proposta surgiu ao observar que muito autores norte-americanos do século XX (e até hoje) escrevem histórias que se passam no subúrbio. Comecei a questionar-me de onde vinha todo esse interesse na cultura americana por esse espaço, que também é bastante representado no cinema, em séries de TV e na música. Seria parte de um interesse pela cidade, mas agora dessa cidade que se expande, das conurbações urbanas, ou, pelo contrário, uma negação da cidade, uma tentativa de retorno para o bucolismo do campo? Será que esse interesse ficou restrito à produção cultural norte-americana? No Brasil, por exemplo, como é a literatura sobre o subúrbio ou a produzida no subúrbio?

No Brasil, logo percebi, o subúrbio ganhou uma conotação completamente distinta dos Estados Unidos e é muitas vezes confundido com a periferia⁴, como pode ser visto na definição do Dicionário Houaiss, que diz que “su.búr.bio (s.m.) é a região menos central de uma cidade; periferia”. O Dicionário Michaelis, em contrapartida, define subúrbio como “1. Região que se segue ao arrabalde e que, embora fora da cidade, pertence à jurisdição dela. 2 Arrabalde ou vizinhança da cidade ou de qualquer povoação”.

Todo subúrbio é periférico, mas nem toda periferia é subúrbio, não é, por exemplo, no que diz respeito à densidade demográfica. Além disso, a periferia existe em oposição ao centro simbólico de poder e marca, justamente, a falta da presença do Estado, pobreza e carência de estrutura e serviços. Uma região central pode ser periférica, como vemos nas favelas.

No Rio de Janeiro, até 2011, a Prefeitura definiu como Zona Suburbana uma parte da Zona Norte da cidade abrangida pelas linhas férreas que partem da Central do Brasil e que, ao contrário da definição do dicionário, inscreve-se dentro do perímetro urbano da cidade. Apesar dessa área ter perdido, em 2011, a alcunha de “suburbana” nos documentos oficiais, alguns dos bairros de Zona Norte delimitados pelas linhas de trem continuam sendo referidos como suburbanos na mídia, na literatura e na música.

Mais do que um espaço geográfico, portanto, o subúrbio é carregado de significados simbólicos. Se, como aponta Armando Silva no livro *Imaginários Urbanos*, a percepção que os indivíduos têm da metrópole é resultado de um processo de seleção e reconhecimento que ajuda a construir o objeto simbólico que é a cidade (2011, 47), interessa saber de que forma esse processo a que se refere Silva influenciou a categoria subúrbio, que não se basta mais como a fronteira entre o campo e a cidade.

Segundo o geógrafo Nelson da Nóbrega Fernandes, no livro *O rapto ideológico da categoria subúrbio*, até o final do século XIX a palavra não tinha teor depreciativo no Rio de Janeiro, estando ligada aos arrabaldes urbanos escolhidos como moradia das camadas superiores. No século XX, no entanto, o “conceito carioca de subúrbio” passa por uma virada conceitual. A partir de então, os mesmos deixam de ser associados à sofisticação e passam a definir bairros com pouca

⁴ Segundo o Dicionário Michaelis, periferia é “a região distante do centro urbano, com pouca ou nenhuma estrutura e serviços urbanos, onde vive a população de baixa renda”.

estrutura, servidos pela linha de trem, habitados por uma camada popular e abandonados pelo poder público.

Em São Paulo, por sua vez, o sociólogo José de Souza Martins também verificou uma mudança no conceito de subúrbio na segunda metade do século XX. Negligenciado pela academia, o subúrbio passou a ser confundido com “periferia”, espaço que, segundo ele, possui problemas sociológicos de ordens diferentes (Martins, 2008, 52). Para Martins, cujo trabalho teve grande influência de Henri Lefebvre, o subúrbio é um posto privilegiado para observação e estudo das transformações da cidade e da formação das classes sociais (1992, 8).

Ao contrário da literatura americana, na qual a narrativa suburbana foi a que aparenta ter melhor se adaptado à necessidade de dar voz às “histórias ignotas do dia a dia”, no Brasil, tal espaço parece ter ficado restrito à música, mas não ganhou igual atenção nas outras formas culturais. “Vão lá. Façam um mapa dos subúrbios. Lá está o choro, plantado, se alastrando nas rodas pobres dos domingos, feriados e dias santos de guarda, quilombado, longe dos patrões”, dizia João Antonio, em 1982, no conto *Paulo Melado do Chapéu Mangueira da Serralha*, um dos poucos autores que desbravaram, depois de Lima Barreto, os espaços que se estendem além dos centros urbanos.

Assim como João Antonio, suspeito que a música tenha sido a forma cultural que melhor absorveu a “alma suburbana” carioca, no entanto, pareceu mais premente a tentativa de elucidar as confusões em torno do termo e, com isso, contribuir para o caráter nominalista e semântico desse espaço, ainda pouco investigado pela academia. A análise das canções produzidas no subúrbio ou que se referem a ele rendem um estudo à parte. Para melhor delimitar minha pesquisa, que se estende por um longo período na história urbana do Rio de Janeiro, optei por explorar as músicas nas epígrafes – não de forma aleatória, notará um leitor mais atento, mas de forma a fazê-las dialogar com as questões abordadas em cada capítulo.

As narrativas suburbanas selecionadas, que se estendem desde *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, até *O meu lugar*, livro de crônicas publicado em outubro de 2015, capturam a transição de uma sociedade em que os cidadãos foram transformados em consumidores. Em que arquitetos decretam o fim da rua e, portanto, desse local de convivência. E que os subúrbios se transformaram em repositório de mão-de-obra. A tentativa de pôr em prática os ideais da

arquitetura e planejamento modernistas criaram, segundo Marshall Berman, “uma visão modernizada da pastoral: um mundo espacialmente e socialmente segmentado” (2007, 200). Se torna premente, então, a análise de como foi representada a tensão entre esse espaço racionalmente belo e o “emaranhado das existências humanas” (Calvino, 2002, 85) que o habita.

A dissertação se divide, portanto, em duas partes. Na primeira, é feita uma tentativa de definição do termo, colocando em tensão as noções do senso comum e da academia sobre o subúrbio. Para tanto, a pesquisa bibliográfica sobre a expansão urbana carioca e brasileira – na qual destacam-se as contribuições de geógrafos, historiadores, sociólogos e antropólogos como Mauricio de Almeida Abreu, Nelson da Nobrega Fernandes, Flávio Villaça, José de Souza Martins, Gilberto Freyre –, foi articulada às representações desse espaço em filmes, romances, crônicas, músicas e minisséries. Na segunda metade do trabalho, parto da minissérie *Suburbia*, de Luiz Fernando Carvalho e Paulo Lins, exibida em 2012 pela Rede Globo, para analisar, em paralelo a outras representações culturais, como se dá a construção social do “conceito carioca de subúrbio”, expressão da geógrafa Maria Therezinha Segadas Soares. As leituras sobre a cidade de Walter Benjamin, Renato Cordeiro Gomes e Beatriz Sarlo, sobre o cotidiano em Henri Lefebvre e sobre o espaço de Gaston Bachelard servirão de linhas-guia para toda a análise.

PRIMEIRA PARTE